

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
<p><b>1. Inclusão</b></p>	<p>1.1. <i>Domínio do conceito</i></p>	<p>“(…) ou seja os clientes têm direitos (…).”</p> <p>“(…) utentes é aquela que beneficia de um apoio quase por caridade, cliente é uma pessoa que já tem direitos.”</p> <p>“É um trabalho que nunca acaba, (…). Não temos um ponto de partida e um ponto de chegada, (…) que começamos a trabalhar e temos essa vocação e essa obrigação e essa necessidade de trabalhar aspetos da inclusão e da sensibilização para a integração das pessoas com deficiência, mas temos a noção que não existe propriamente uma meta.”</p> <p>“Na sociedade o grande obstáculo já não é ver a pessoa com deficiência com direitos, com direito às oportunidades e que deve e tem que ser incluída (…). Ainda falta aqui algum caminho, ainda falta para uma inclusão plena (…).”</p> <p>“Há algum caminho também ao nível da autonomia mas, (…) agora é preciso fazer algum caminho mas de desinstitucionalização.”</p> <p>“(…) há aqui um caminho para incluir na comunidade, para estruturas de menor dimensão, (…) é um caminho que é necessário fazer.”</p> <p>“(…) o ideal era nem haver a necessidade do Centro de Educação Especial O Ninho existir, isso seria a situação ideal. (…) porque nós somos todos iguais, temos os mesmos direitos, as mesmas oportunidades, somos tratados de forma igual, não existiria a necessidade de haver instituições que lutem pelos nossos direitos, que sejam sensíveis à nossa causa, à nossa luta.”</p>

<p>1.2. <i>Público-alvo</i></p>	<p>“(...) o trabalho tem sido sempre com esta população, com as necessidades educativas especiais, inicialmente com público mais jovem, estava constituída como escola de ensino especial e ao longo do tempo foi desenvolvendo outro tipo de respostas (...)”</p>
<p>1.3. <i>Compreensão das necessidades</i></p>	<p>“(...) a intervenção com as famílias reveste-se dum carácter mais pedagógico. É importante nesta fase as famílias perceberem qual vai ser o percurso para o resto da vida, há muitos pais que não estão preparados para perceber que têm um filho com alguma necessidade educativa especial e que isso o vai acompanhar ao longo da vida. (...) tem que haver uma aprendizagem para lidar com a situação.”</p> <p>“Esse trabalho [sensibilização dos pais/familiares] também está muito nas escolas, porque a partir do momento que eles em 2008 alteraram as dinâmicas de intervenção, esta primeira parte é feita nas escolas (...)”</p> <p>“Nós planeamos de acordo com aquilo que é uma necessidade quer para os clientes, quer para os familiares, quem identifica as necessidades acaba por não ser a instituição, são os intervenientes, é a comunidade, os parceiros, os clientes, os familiares, eles é que identificam o que é necessário.”</p> <p>Sim, por exemplo, um dos projetos que terminámos agora foi o lar residencial, (...) e esta necessidade foi identificada pelos familiares (...)”</p>
<p>1.4. <i>Perspetiva sobre a inclusão</i></p>	<p>“(...) há sempre uma tentativa de envolver os nossos clientes naquilo que são as ações e iniciativas da comunidade, (...) nós participamos e participamos na medida em que participa toda a gente (...)”</p>

		<p>“(…) o papel da família e do próprio, (…) é ter uma participação ativa naquilo que é a nossa intervenção (...). Não somos nós que decidimos a intervenção (...), a intervenção é decidida pela pessoa com deficiência e pelos familiares. Até que quando a pessoa com deficiência tem essa competência de decidir por si próprio decide em primeiro lugar ele próprio (...).”</p> <p>“(…) o seu filho com trissomia 21 que também tem uma vertente afetiva, sexual, relacional com os outros. É um tema mais difícil de abordar mas (...) fazemos sempre essa tentativa de sensibilizar para essa problemática (...). Faz parte da vida de todos nós e da deles também.”</p> <p>“(…) isto acontece quando se esgotam todas as medidas possíveis no ensino regular, (...) e neste caso ainda é autorizado o encaminhamento para instituições de solidariedade social, que fazem esse acompanhamento até aos 18 (...).”</p> <p>“Sim, uma das nossas respostas no centro de atividades ocupacionais também é de fim de linha, ou seja quando se esgotaram todas as outras, quando não há a possibilidade de integração na comunidade através do trabalho, do emprego.”</p> <p>“(…) dar-lhes a oportunidade [os clientes] de apresentarem sugestões e darem a sua opinião (...).”</p> <p>“(…) o caminho deve ser no sentido de proporcionar a estas pessoas uma maior capacidade de decidir sobre as suas próprias vidas, não institucionalizar, integrar dentro da comunidade através de residências autónomas, (...).”</p>
	<p>1.5. <i>Iniciativas de carácter inclusivo</i></p>	<p>“O centro de recursos da área inclusão é a estrutura que dá apoio à área das necessidades educativas, as terapias, apoiamos três agrupamentos, os dois aqui de Rio Maior e mais o de Alcanede e para o próximo ano já temos plano de ação para a escola secundária de Rio Maior.”</p>

		<p>“(…) neste momento desenvolve respostas quer na área educativa, quer no apoio social a pessoas com deficiência em regime de internato, funcionamos ainda como valência sócio educativa, temos centro de atividades ocupacionais (…).”</p> <p>“Além das respostas dentro da instituição temos o centro de recursos área inclusão, através do centro de recursos apoiamos 210 crianças, a equipa é constituída por 9 técnicos.”</p> <p>“(…) participamos na parte técnica da planificação dos PIT e essa planificação resume-se no fundo a planear o que é que acontece na vida pós-escolar, ou seja, termina o seu percurso escolar e agora? (…) Ai nós entramos no apoio mais social em termos de atividades ocupacionais e lar residencial.”</p> <p>“Normalmente quando as escolas desenvolvem iniciativas na área da deficiência, da integração, por norma somos parceiros, entramos nas iniciativas que são desenvolvidas.”</p> <p>“Depois há alguns aspetos mais técnicos em que a nossa instituição se alia a essa formação. Normalmente todos os anos nós fazemos entre 1, 2, 3 formações dentro das escolas (…) para todos os funcionários, e professores que queiram. (…) na dislexia, como fazer uma transferência duma criança com deficiência, áreas que se acharem importantes trabalhar dentro da escola.”</p> <p>“Envolvemo-nos também nos eventos locais, sempre que somos convidados, temos todo o prazer em mostrar o que fazemos e mostrar a nossa instituição, quer nas Tasquinhas, Frimor, festejos ocasionais como o Carnaval.”</p>
--	--	---

<p><b>2. Balanço</b></p>	<p>2.1. <i>Evolução</i></p>	<p>“Neste momento as escolas também elas têm muito trabalho já feito na área da inclusão, na área da deficiência, desde 2008, até 2016, estamos a falar já de 8 anos a trabalhar estas temáticas. (...) já têm departamento de educação especial com alguma robustez, estamos a falar de 8, 9, 10 recursos humanos já especializados na área da deficiência.”</p> <p>“(...) coisas [solicitar e ouvir opiniões dos clientes] que há uns anos atrás não era feito (...)”</p> <p>“Sim, a forma como se vê as pessoas com deficiência, seja inclusão, seja integração, tem vindo a evoluir ao longo do tempo. Estes jovens por norma há 25, 30 anos atrás nem tinham direito a ir à escola. Eram retirados da sociedade, (...) não iam à escola, não se misturavam na sociedade, os tempos foram mudando e ainda bem que assim é. Nota-se também em Rio Maior.”</p> <p>“Mas há outros intervenientes que estão a surgir, as escolas começam a ser um interveniente de peso nestas questões da inclusão e da intervenção nas necessidades educativas especiais.”</p>
	<p>2.2. <i>Constrangimentos</i></p>	<p>“É uma resposta [formação profissional] que em Rio Maior não há, (...). Ou seja os casos que nós vamos tendo aqui em Rio Maior encaminhámos para Santarém ou Caldas.”</p> <p>“O grande obstáculo é a mentalidade das pessoas.”</p> <p>“(...) no enquadramento profissional da pessoa com deficiência ainda existem algumas reticências à inclusão e empregabilidade das pessoas com deficiências. Devem-no fazer na perspetiva de que todas as pessoas têm determinada competência que pode ser aproveitada e utilizada dentro das empresas.”</p>

		<p>“As escolas têm alguma dificuldade porque são, até certo ponto, instituições que não têm muita flexibilidade, funcionam num sistema educativo, (...) é preciso fazer o salto para a comunidade, para a intervenção social, e para a envolvência destes jovens.”</p> <p>“É preciso fazer ajustes ao caminho nomeadamente ao nível da legislação o que também está previsto.”</p> <p>“As escolas têm mais dificuldade em fazê-lo. Estão dependentes que outros financiem, ou da câmara e como ensino e tendencialmente gratuito não pode haver cobrança.”</p>
	<p>2.3. <i>Facilitadores</i></p>	<p>“(...) por vezes há alguns casos que se conseguem inserir ou nos cursos vocacionais nas escolas, ou até mesmo na escola profissional.”</p> <p>“Sim, [torna-se mais fácil agir nesta área] tem sempre os seus desafios e particularidades mas sim.”</p> <p>“Daí também haverem alguns incentivos que inclusive muitas vezes as empresas desconhecem.”</p> <p>“Um facilitador é o caminho da divulgação e isso tem sido feito ao longo do tempo, (...) a comunidade, (...) está sensibilizada para a problemática da inclusão e designadamente para a não discriminação, está mais desperta para se envolver, acho que esse é um aspeto que nos facilita a intervenção.”</p> <p>“Quando nós abordamos quer entidades, quer pessoas da comunidade, o assunto já não é novidade para ninguém, há esta receptividade por parte das pessoas às pessoas com deficiência.”</p> <p>“(...) tem havido legislação que nos facilita o trabalho, há a convenção dos direitos da pessoa com deficiência, (...) há uma retaguarda de legislação a toda a intervenção.”</p>

		<p>“Por exemplo para nós instituições é muito fácil fazer um encontro inter centros ou um encontro desportivo, (...) irmos com os utentes a Abrantes, a Benavente participar naquilo que for (...).”</p> <p>“Para nós é fácil termos necessidade de um determinado equipamento e irmos para a rua pedir dinheiro, vender pirilampos, fazer rifas, fazermos tasquinhas, arraias dos santos populares, para angariar fundos para proporcionar um melhor serviço e melhores condições.”</p>
	<p>2.4. <i>Pontos de melhoria</i></p>	<p>“(...) neste momento em termos de respostas a esta população o que está em falta é a formação profissional.”</p> <p>“(...) também para orientarmos a nossa intervenção no sentido de melhorar aquilo que fazemos [relativo à avaliação de satisfação].”</p> <p>“Essa intervenção educativa vai sempre existir, tem um papel muito importante e depois falta às escolas fazer o papel que as instituições faziam antes e que deixaram de fazer principalmente nesta faixa etária na parte social.”</p>
<p><b>3. Instituição</b></p>	<p>3.1. <i>Elementos com responsabilidade direta na inclusão</i></p>	<p>“Todos os funcionários, é uma temática discutida e que todos têm que ter presente, auxiliares também. “</p>

	<p>3.2. <i>Avaliação e formação interna</i></p>	<p>“E vamos promovendo algumas ações de formação internas para todos que por vezes abordam esta temática, por exemplo, o empowerment do cliente, a capacidade de decisão, o ser ouvido, a carta de direitos e deveres do cliente, (...), os funcionários são muito sensibilizados para estes direitos.”</p> <p>“Era um pouco porque neste momento monitorizamos as coisas de maneira diferente, a partir do momento que fazemos avaliação de satisfação dos familiares, dos parceiros, da comunidade, dos clientes e fazemos todos os anos, acabamos por ter uma perceção de como os outros nos vêem e como é que aqueles próprios que estão a ser servidos, os clientes, percecionam o serviço que lhes é prestado.”</p> <p>“Há alguns anos a esta parte nós tentamos monitorizar a perceção que a comunidade tem do nosso funcionamento, já há coisa de 4, 5 anos, começámos a fazer avaliação de satisfação de todas as partes interessadas, e uma dessas partes interessadas é a comunidade. “</p>
<p><b>4. Comunidade</b></p>	<p>4.1. <i>Comunicação</i></p>	<p>“Sim, os nossos principais meios de comunicação são o site, onde apresentamos a nossa instituição de forma global, as nossas respostas, os nossos planos e relatórios de atividade. A informação está disponível, inclusive as contas da instituição são possíveis de consulta pública.”</p> <p>“(…)utilizamos muito as redes sociais. (...) divulgar o que fazemos, as nossas atividades diárias.”</p> <p>“Meios de comunicação local é o jornal, que só há um, que também utilizamos, enviamos notícias, eventos que divulgamos através desse meio.”</p> <p>“Esta informação [avaliação de satisfação] está disponível no nosso site e pode ser consultada.”</p>

#### 4.2. *Percepção*

“Temos a sensação de que o trabalho tem surtido efeito, as pessoas gostam da instituição, conseguem hoje perceber o que é a nossa intervenção, conseguem perceber que é possível integrar, é possível incluir, mas é um trabalho que é contínuo.”

“Nós temos essa sensação [a instituição é acarinhada], em todas as iniciativas que fazemos, quer no poder local, quer com outras instituições, a nível de cooperação, até à data.”

“Aquilo que nos chega é uma perspetiva boa, níveis de satisfação elevados e temos a percepção que a grande maioria da comunidade de rio maior sabe que nós existimos em primeiro e tem a mínima noção do que nós fazemos e do trabalho que desenvolvemos o que para nós é importante.”

“(…) achamos que temos feito um percurso positivo.”

“(…) atualmente isso é feito e permite-nos perceber se aquilo que estamos a fazer é bem visto e é bem aceite pelos outros (…)”